

## A TEMPORALIDADE DA COMPREENSÃO

João Evangelista Fernandes<sup>1</sup>

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é comentar como a analítica existencial, após o desvelamento da temporalidade ekstática e finita no §65 de *Ser e Tempo*, é levada a uma abordagem, à luz desta temporalidade, das estruturas ontológicas que constituem o ser-aí, das quais a que tem a prioridade é a compreensão, cuja ekstase é o futuro. Apoiando-nos no comentário de Michel Haar em seu livro "*Heidegger e a essência do homem*", buscaremos expor como a prioridade da compreensão e sua ekstase, o futuro (*porvir*), a despeito da sua importância na analítica, devido à capacidade de antecipar a totalidade e finitude do ser-aí mediante a decisão antecipadora, depara-se com a ekstase do presente (*atualidade*) que em seu modo próprio, o *instante*, é, segundo Haar, a única capaz de unir o originário e o próprio, colocando em questão a prioridade do futuro originário.

**Palavras-chave:** Temporalidade, Compreensão, Mundo, Futuro, Instante.

**ABSTRACT:** The purpose of this article is to comment as the existential analytic, after the unveiling of ekstátic and finite temporality in §65 of *Being and Time*, is brought to an approach in light of this temporality, the ontological structures that constitute the being-there, of which the one with the priority is understanding, which ekstase is the future. Supporting us in the comment Michel Haar in his book "Heidegger and the essence of man", we will seek to expose as the priority of understanding and your ekstase, the future (for coming), despite its importance in analytical, due to the ability to anticipate all and finitude of being-there by the anticipatory decision, faced with the ekstase of this presente (today) than in their own way, the in-stant, is, according to Haar, the only one capable of uniting the original and own, calling into question the priority of future original.

**Keywords:** Temporality, Understanding, World, Future, Instant.

Acreditamos que a temporalidade originária se apresenta ainda em *Ser e Tempo* como algo que compromete a analítica existencial, sobretudo em relação à estrutura ontológica da compreensão e sua circularidade. No §68 de *Ser e Tempo*, inicia-se uma análise das estruturas ontológicas fundamentais que constituem o ser-aí como abertura do ser-no-mundo, cujo ser é o cuidado e que tem como sentido a temporalidade ekstática. Nesta análise, cada estrutura ontológica é constituída de uma ekstase, por

---

<sup>1</sup> Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual de Maringá – UEM. Pesquisa financiada pela CAPES. Contato: je\_fernandes10@hotmail.com.

meio da qual a temporalidade se temporaliza como um fenômeno unitário e finito. O caráter unitário da temporalidade ekstática faz com que uma ekstase remeta às demais, sendo, portanto, impossível tratar de uma estrutura ontológica e sua ekstase sem considerar as demais. No entanto, nos ocuparemos mais detidamente na estrutura ontológica da compreensão e em sua ekstase, o futuro originário (*porvir*), o que não deixa de ao menos mencionar as demais ekstases da temporalidade ekstática e finita, a saber, o passado (*vigor de ter sido*) e o presente (*atualidade*), uma vez que são ekstases que se temporalizam co-originariamente<sup>2</sup>.

A compreensão e sua ekstase, o futuro originário, têm primazia na analítica existencial e é o que Heidegger apresenta de novo em relação à fenomenologia do tempo, bem como é o que torna possível a finitude da temporalidade ekstática. Entretanto, a finitude da temporalidade ekstática, torna-se problemática pela sua possível diferença<sup>3</sup> e até derivação da temporalidade originária.

Na fenomenologia do tempo apresentada por Heidegger, a decisão antecipadora<sup>4</sup> se pretende imprescindível para o poder-ser-todo do ser-aí, no qual é antecipada a totalidade de seu existir que é finito e temporal. Deste modo, a primazia da estrutura ontológica da compreensão e de sua ekstase, o futuro originário, se justificam pelo fato de que é mediante a antecipação do ser-para-a-morte como sua possibilidade mais própria que o ser-aí existe em sua totalidade e finitude. Isto é, o cuidado enquanto ser do ser-aí se fundamenta na temporalidade ekstática e finita, desvelada na antecipação da morte enquanto possibilidade mais própria do ser-aí, que lhe confere a autenticidade e se dá por meio do futuro próprio e seu caráter de antecipação. “A

<sup>2</sup> O termo alemão *ursprüngliche Zusammengehörigkeit* que se refere à unidade originária, no sentido de co-pertença, co-originariedade, pode ser traduzido para simultaneidade, sem perder de todo a força que o termo e o fenômeno pretendem expressar de acordo com sua utilização por Heidegger. Por isso, a seguir nos serviremos dessa tradução para expressar este fenômeno.

<sup>3</sup> A diferença modal entre a temporalidade autêntica e a temporalidade originária divide opiniões entre os comentadores de Heidegger. Lembramos aqui a polêmica entre Willian Blattner e Daniel O. Dahlstrom exposta no texto “*Heidegger’s temporal idealism*”, pp. 99-102; onde Blattner afirma que há uma diferença modal entre a temporalidade autêntica e a temporalidade originária, sendo aquela a forma mais básica desta. Dahlstrom, em contraposição, para defender uma indiferença modal entre a temporalidade originária e a temporalidade autêntica, apoia-se no termo conjuntivo “*temporalidade autêntica e originária*”, o único que aparece em *Ser e Tempo*. Françoise Dastur, Günter Figal e Michel Haar, de certa forma defendem a mesma posição de Blattner. Embora o problema da diferença modal surja na analítica juntamente com o problema da primazia do futuro originário, adiantamos que trataremos apenas do problema referente à primazia da ekstase do futuro originário, pois uma abordagem da diferença modal entre temporalidade autêntica e temporalidade originária extrapola o limite deste texto.

<sup>4</sup> O termo *Entschlossenheit* é uma junção de *schliessen*: fechar ao prefixo *ent*: movimento contrário, significando, portanto, abertura. A utilização deste termo por Heidegger tem o sentido de radicalização da abertura constitutiva do ser-aí. Sua tradução pela Márcia de Sá Cavalcanti enfatiza seu caráter de decisão no sentido de movimento contrário ao fechamento.

temporalidade originária e própria se temporaliza a partir do porvir em sentido próprio, de tal modo que só no vigor de ter sido, vigente no porvir, é que ela desperta a atualidade. *O porvir é o fenômeno primordial da temporalidade originária e própria*<sup>5</sup>.

O que pretendemos mostrar é que esta última frase de Heidegger torna-se problemática para analítica, sobretudo porque a finitude da temporalidade ekstática como fundamento do ser do ser-aí depende da permanência desta primazia do futuro originário. Mesmo com o empenho de Heidegger em mostrar que na temporalidade ekstática e finita há uma unificação do passado e do presente através do futuro, parece-nos que existe uma lacuna em suas afirmações e que dão margem para objeções. Vejamos este texto onde ele diz: “Chamamos de *temporalidade* este fenômeno unificador do porvir que atualiza o vigor de ter sido. Somente determinado como temporalidade é que o ser-aí possibilita para si mesmo o poder-ser em sentido próprio da decisão antecipadora”<sup>6</sup>. Se atentarmos para este texto, veremos que o mesmo dá a entender que antes de possibilitar a si mesmo o poder ser em sentido próprio, mediante a decisão antecipadora, o ser-aí já é determinado como temporalidade. Isto justifica o comentário de Michel Haar de que antes do futuro próprio, bem como da propriedade ou impropriedade, o ser-aí já é originariamente temporal<sup>7</sup>.

Ou seja, a afirmação de que a finitude e autenticidade do ser do ser-aí enquanto totalidade articulada que se fundamenta na temporalidade originária e própria, temporalizada primordialmente a partir do futuro, traz em si um problema que diz respeito ao fato de esta primazia do futuro próprio ser limitada ao desvelamento de uma temporalidade que já constitui o ser-aí enquanto ser-no-mundo. Pretendemos, portanto, expor como a primazia do futuro próprio como ekstase da compreensão, irá se deparar com o problema do tempo do mundo<sup>8</sup>. O mundo, não obstante constituir ontologicamente o ser-aí e portanto ser simultâneo à abertura, apresenta-se também como totalidade de entes à mão e entes simplesmente dados, que vêm ao encontro na

<sup>5</sup> Para as citações de *Ser e Tempo*, utilizamos a tradução: HEIDEGGER, *Ser e Tempo*. Parte II. Trad. Márcia de Sá Cavalcante. 13 ed. Petrópolis: Vozes, 2005 e a paginação da edição alemã disponível em: HEIDEGGER, *Ser e Tempo*. Edição em alemão e português. Tradução de Fausto Castilho. Campinas: Editora da Unicamp; Petrópolis: Editora Vozes. 2012. Por isso doravante as citações da referida obra serão: HEIDEGGER. *Ser e Tempo*, p. 329.

<sup>6</sup> HEIDEGGER. *Ser e Tempo*, p. 326.

<sup>7</sup> Cf. HAAR, *Heidegger e a essência do homem*, p. 65.

<sup>8</sup> Ressaltamos aqui que o *tempo do mundo* se distingue do tempo no sentido vulgar. Segundo Heidegger, este tempo vulgar é aquele pelo qual a tradição filosófica tem se guiado desde Aristóteles e que caracteriza-se como uma sucessão de agoras, que pode ser contado e nivelado. Já o *tempo do mundo* possui um caráter originário, de modo que se temporaliza simultaneamente à temporalidade ekstática e finita, que é o fundamento do ser do ser-aí.

ocupação e que, embora seja compreendido de maneira imprópria, revela um nexos entre o futuro impróprio e o presente impróprio. Neste caso, há uma identificação entre presente impróprio enquanto atualização e futuro impróprio enquanto ocupação que atende e retém. O problema daí decorrente é, segundo a análise de Haar, o fato de o instante enquanto presente próprio reivindicar uma igualdade e até mesmo uma prioridade em relação ao futuro próprio. Há uma identificação entre presente e futuro que põe em questão a primazia deste último.

A finitude da temporalidade está estritamente ligada ao futuro próprio como a ekstase por meio da qual a temporalidade ekstática se temporaliza primordialmente. No entanto, essa finitude da temporalidade nada tem a ver com fim no sentido de término e sim que a finitude é um caráter da própria temporalização. Daí Heidegger afirmar que “o vir-a-si originário e próprio é o sentido do existir no nada mais próprio”<sup>9</sup>. O que faz com que a temporalidade enquanto ekstática e originária tenha um caráter de fenômeno, desvelado no projeto originário e próprio do ser-aí. Neste caso, a temporalidade ekstática e originária, no que tange à sua finitude, dá a entender que se temporaliza na existência do ser-aí, mais precisamente no assumir de seu ser para-a-morte mediante a decisão antecipadora. Ainda que, no fim do § 65, Heidegger defenda quatro teses que apontam para o caráter originário, ekstático e finito da temporalidade, a qual se temporaliza primordialmente mediante o futuro próprio<sup>10</sup>, o surgimento do problema o tempo do mundo, desvelado tanto no futuro quanto no presente impróprio, isto é, no atender e na atualização, é algo que merece atenção.

### **A primazia do futuro originário e o tempo do mundo**

Vimos que o caráter ekstático e finito da temporalidade originária desvela-se no ser-aí enquanto este assume seu ser-para-a-morte, mediante a decisão antecipadora. Esta se dá a partir do futuro originário e seu modo próprio (*antecipação*). Ora, o ser-aí, enquanto decidido, na medida em que assume seu ser-para-a-morte, o que garante a sua totalidade e finitude, o faz enquanto ser-no-mundo. No entanto, com o fenômeno da decisão antecipadora há uma assunção do si mesmo, o que faz do mundo circundante das ocupações algo secundário, não obstante, este tem uma “função”

<sup>9</sup> HEIDEGGER, *Ser e Tempo*, p. 330.

<sup>10</sup> Cf. HEIDEGGER, *Ser e Tempo*, p. 331.

importante, a de ser um indicador da propriedade ou impropriedade do ser-aí<sup>11</sup>. O caráter ekstático e finito da temporalidade originária é o que a diferencia do “tempo do vulgar”, o qual é já nivelado e tornado público. Neste caso, a propriedade está relacionada à temporalidade ekstática e finita, enquanto que a impropriedade está relacionada ao tempo do mundo das ocupações e, portanto, “vulgar”. “O modo autêntico implica sempre resolução e decisão, quer dizer, relação com o futuro”<sup>12</sup>. Já o tempo das ocupações está relacionado ao presente e, portanto, é impróprio<sup>13</sup>. Entretanto, o instante enquanto presente próprio, fundado na temporalidade ekstática, apresenta-se com uma neutralidade que a princípio parece ser independente da decisão antecipadora.

Para se compreender esta neutralidade do instante enquanto presente próprio, é importante entender que cada ekstase da temporalidade originária e própria temporaliza-se de maneira própria e imprópria. O que importa é que a temporalidade temporaliza-se de maneira plena, seja própria ou imprópria, em cada ekstase. A compreensão funda-se no futuro, o qual no seu modo próprio é *antecipação*, enquanto que em seu modo impróprio é *atender*. A disposição temporaliza-se primariamente no passado, o qual em seu modo próprio é *repetição*, enquanto que em seu modo impróprio é *esquecimento*. A decadência enraíza-se primária e temporalmente no presente, que em seu modo próprio é o *instante*, enquanto que em seu modo impróprio é *atualização*. Independente da ekstase em que se temporaliza, a temporalidade temporaliza-se em sua totalidade. A compreensão atualiza o passado, a disposição se temporaliza num futuro “atualizante” e o presente “surge” e se sustenta num futuro do passado<sup>14</sup>. A ekstase do futuro, segundo Heidegger “está à base do compreender-se no projeto de uma possibilidade existenciária enquanto um vir-a-si, a partir da possibilidade em que o ser-aí cada vez existe”<sup>15</sup>. No vir-a-si enquanto possibilidade existenciária há uma singularização do ser-aí na qual se temporaliza a temporalidade ekstática e finita.

<sup>11</sup> É importante observar que não há um dualismo entre próprio e impróprio, ambos os modos de ser estão relacionados à temporalidade originária, “são relações com o ekstático originário: um a assunção, o outro a fuga. É preciso não perder de vista *esta triplicidade de níveis*, pela qual a análise evita subtilmente qualquer dualismo entre o autêntico e o inautêntico” (HAAR, *Heidegger e a essência do homem*, p. 63). A fuga do ekstático originário se dá mediante a ocupação, daí o mundo da ocupação ser um indicador de propriedade ou impropriedade.

<sup>12</sup> HAAR, *Heidegger e a essência do homem*, pp. 62-63.

<sup>13</sup> Tenhamos em conta que, tanto o tempo do mundo quanto o tempo vulgar, fundam-se na temporalidade ekstática horizontal e finita. Esta, a princípio, aparece na analítica existencial de *Ser e Tempo*, como sendo a mesma que a temporalidade originária. No entanto, a temporalidade originária, por ser originária se apresenta como um fundamento àquela e consequentemente ao tempo do mundo e ao tempo vulgar. Neste caso, pode-se dizer que a temporalidade ekstática, o tempo do mundo e o tempo vulgar são modos de temporalização da temporalidade originária (Cf. HEIDEGGER, *Ser e Tempo*, p. 405).

<sup>14</sup> Cf. HEIDEGGER, *Ser e Tempo*, p. 350.

<sup>15</sup> HEIDEGGER, *Ser e Tempo*, p. 336.

Entretanto, Heidegger alerta para o fato de que nem sempre a temporalidade se temporaliza a partir do futuro em sentido próprio, ou seja, a partir da decisão antecipadora, pois a temporalização do futuro está sujeita a mutações<sup>16</sup>. Neste caso, não seria o que Heidegger denomina de modo impróprio do futuro, no qual o ser-aí na maior parte das vezes encontra-se fechado para o seu poder-ser mais próprio, uma exigência e até mesmo imposição do mundo circundante como o “com que” o ser-aí se ocupa e que possui sua própria temporalidade? A proximidade entre a ekstase do futuro e a do presente se faz notar no § 68, onde ao expor a temporalidade da compreensão, boa parte seja permeada pela exposição do presente. Teria isso algo a ver com a dificuldade em afirmar a primazia do futuro em detrimento do presente? O futuro próprio possibilita ao ser-aí assumir sua finitude e conseqüentemente sua propriedade, no entanto o ser-aí já é antecipante na medida em que existe antes da decisão antecipadora, o que remete a um futuro ainda mais originário do que o futuro enquanto ekstase da temporalidade ekstática e finita<sup>17</sup>. Em relação a este futuro mais originário ainda do que o futuro próprio, Michel Haar faz uma observação importante no que diz respeito à primazia futuro próprio para a temporalização da temporalidade ekstática, segundo ele,

[q]uando Heidegger escreve: “O futuro torna ontologicamente possível um ente que é de tal modo que existe, ao compreender-se, no seu poder-ser”, ou ainda, “O *Dasein* é em termos fácticos constantemente antecipante”, está a descrever o futuro como uma possibilidade *anterior* à autenticidade. A antecipação e o ser-resoluto tornam o *Dasein* autenticamente dotado de futuro. Mas “facticamente” o *Dasein* vem sempre já de si. A própria existência, como possível, como “projecto lançado”, é logo um fenômeno originário do futuro<sup>18</sup>.

Esta observação é importante para a tese sobre a possível “irrelevância” da decisão antecipadora para a temporalização da temporalidade originária. De acordo com o texto de Haar, a existência do ser-aí enquanto projeto lançado, apresenta-se como um fenômeno originário do futuro dispensando a prioridade do futuro próprio e, por conseguinte a necessidade da decisão antecipadora para a temporalização da temporalidade originária. Com o fenômeno da decisão antecipadora há apenas um desvelamento da temporalidade que constitui o ser-aí originariamente, pois a abertura

<sup>16</sup> Cf. HEIDEGGER, *Ser e Tempo*, p. 336.

<sup>17</sup> Neste ponto evidencia-se como a temporalidade originária é condição de possibilidade para a existência do ser-aí antes mesmo do desvelamento da temporalidade autêntica mediante o futuro próprio e a decisão antecipadora.

<sup>18</sup> HAAR, *Heidegger e a essência do homem*, p. 65.

do ser-no-mundo constitutiva do ser-aí e radicalizada mediante a decisão antecipadora já é originariamente temporal. Ora, se o mundo se desvela na analítica como constituição ontológica do ser-aí, simultânea à abertura, e sendo esta originariamente temporal, antes mesmo de sua radicalização mediante a decisão antecipadora, é mister que o mundo também seja simultaneamente temporal. “Na abertura do aí, abre-se conjuntamente o mundo. A unidade da significância, isto é, a constituição ontológica de mundo, também deve se fundar, portanto, na temporalidade”<sup>19</sup>. Entretanto, há que se lembrar aqui a distinção entre mundo enquanto constituição ontológica do ser-aí e mundo enquanto conjunto de entes simplesmente dados e entes à mão. Neste caso, o tempo do mundo enquanto constituição ontológica do ser-aí é simultâneo à abertura e pressupõe uma originariedade que de certa forma independe do ser-aí decidido, da mesma forma que a temporalidade originária<sup>20</sup>. Já o tempo vulgar, referente ao mundo enquanto totalidade instrumental, desvela-se na ocupação e funda-se no tempo do mundo e na temporalidade ekstática.

A primazia do futuro como a ekstase por meio da qual a temporalidade originária primordialmente se temporaliza, assim como o que torna possível a decisão antecipadora, encontra suas contradições já em *Ser e Tempo*, onde, mesmo ao caracterizar a compreensão imprópria como aquela por meio da qual o ser-aí primeiramente vem a si, Heidegger a expõe de tal modo que se radique no cuidado como ser do ser-aí e, portanto, como fundado na ekstase do futuro. “Compreender-se, impessoalmente, nas ocupações como o próprio-impessoal a partir daquilo que se empreende encontra o “fundamento” de sua possibilidade nesse modo ekstático de porvir”<sup>21</sup>. Ou seja, mesmo compreendendo-se impessoalmente a partir daquilo com que se ocupa, o ser-aí ainda mantém uma propriedade, ao “porvir impróprio, ao atender, corresponde um ser próprio *junto* àquilo que se ocupa”<sup>22</sup>. Há uma aparente contradição nesta frase, pois se no atender enquanto modo impróprio do futuro, Heidegger vai dizer

<sup>19</sup> HEIDEGGER, *Ser e Tempo*, p. 365.

<sup>20</sup> Esta problemática surgida com o tempo do mundo enquanto simultâneo à abertura será retomada nos *Problemas Fundamentais da Fenomenologia*, onde Heidegger esclarece melhor o nexos entre a compreensão imprópria e o tempo do mundo, este último funda-se naquela e como a compreensão é constitutiva do ser-aí, seja ela própria ou imprópria, o tempo do mundo também mantém um nexos com o ser-aí e o constitui ontologicamente. “Com base em seu caráter de significância, denominamos o tempo da compreensão cotidiana do tempo o *tempo do mundo*” (HEIDEGGER, *Os problemas fundamentais da fenomenologia*, p. 383. Obs. nesta obra, assim como em *Ser e Tempo*, utilizamos uma tradução brasileira: HEIDEGGER, *Os problemas fundamentais da fenomenologia*. Trad. Marco Antônio Casanova. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012; seguindo a paginação da edição alemã: HEIDEGGER, *Die Grundprobleme der Phänomenologie*. Vittorio Klostermann. Band. 24, Frankfurt am Main, 1975).

<sup>21</sup> HEIDEGGER, *Ser e Tempo*, p. 337.

<sup>22</sup> HEIDEGGER, *Ser e Tempo*, p. 337.

que corresponde um ser próprio junto ao que se ocupa, significa que não está muito clara a distinção entre próprio e impróprio, de modo que Michel Haar vai utilizar esse trecho para argumentar a favor da neutralidade da temporalidade originária e consequentemente do ser-aí no que diz respeito à sua existência própria ou imprópria. Isto não está em seu domínio, logo, a decisão antecipadora pouco ou nada influi em relação à propriedade ou impropriedade.

[...] O uso, a manutenção dos utensílios tem a sua própria temporalidade, cujo modo pertence à inautenticidade. Com efeito, a manutenção dos utensílios exige que se esqueça de Si próprio. Pressupõe uma compreensão atenta da obra a executar segundo as normas que impõe, uma “presentificação” do utensílio e uma “retenção” do seu destino. É estranho, já neste contexto, que a presentificação que maneja o utensílio seja assim inevitavelmente inautêntica, visto que, como nota Heidegger, diz-se de alguém que ele está “autenticamente entregue à sua tarefa”. A presentificação de um utensílio devia ser neutra: sê-lo-á graças ao esquema do *Praesens* no Curso de 1927<sup>23</sup>.

A presentificação, pelo fato de nela o ser-aí estar completamente entregue à sua ocupação apresenta-se como uma estrutura neutra em relação à propriedade e impropriedade. Tal presentificação, também denominada por Heidegger de ser junto a, funda-se no ser-no-mundo, no qual o ocupar-se se deve ao fato de o ser-aí ser junto aos entes intramundanos e ter como condição de possibilidade a temporalidade<sup>24</sup> e, como já observado por Haar, o ser-no-mundo, na condição de lançado, já é constituído de um futuro originário cujo caráter é neutro em relação à propriedade e impropriedade do ser-aí, que também é constituído de um presente de tal modo originário que ekstasia-se em direção a um esquema igualmente originário e neutro (*Praesenz*). Contudo, em *Ser e Tempo* essa temporalidade como fundamento do ser-no-mundo e consequentemente da atualização, onde se temporaliza mediante a ekstase do presente, ainda se refere à temporalidade ekstática e finita, também denominada de temporalidade originária e própria. No texto d’*Os Problemas Fundamentais da Fenomenologia* Heidegger manterá a ekstase do presente como primordial para a temporalização ocorrida na ocupação, com a diferença de que o presente ekstasia-se em direção ao *Praesenz* que é neutro em relação à propriedade ou impropriedade do ser-aí, pois é originário. “A *ekstase* do

<sup>23</sup> HAAR, *Heidegger e a essência do homem*, pp. 67-68.

<sup>24</sup> Cf. HEIDEGGER, *Ser e Tempo*, p. 351.



presente é diretriz na temporalidade da lida com o à mão. Portanto, o ser do à mão, a manualidade, é primariamente compreendida a partir da presença”<sup>25</sup>.

Com o surgimento do tempo do mundo enquanto constituição ontológica do ser-aí, temporalizado a partir da ocupação, é necessário levar em conta a importância da ekstase do presente e do horizonte neutro e finito de sua temporalização. Daí que o instante enquanto modo próprio do presente reivindica uma certa neutralidade, não é nem próprio nem impróprio, o que quer dizer que se dá em um horizonte que é simultâneo ou independente do ser-aí. Isto é, a neutralidade do esquema do *Praesenz* nada mais é que um desdobramento da neutralidade do instante como presente próprio. “No instante, nada pode ocorrer. Ao contrário, enquanto atualidade em sentido próprio, é o instante que deixa *vir ao encontro* o que, estando à mão ou sendo simplesmente dado, pode ser e estar ‘em um tempo’”<sup>26</sup>. Deste modo, podemos afirmar que a temporalidade da ocupação, embora funde o tempo vulgar e infinito é, antes disso, neutra, o que pressupõe uma originalidade que antecede a decisão antecipadora. Isto ficará mais claro com uma exposição detalhada do instante enquanto presente próprio e a sua proximidade com o futuro próprio, bem como o nexos entre a atualização enquanto presente impróprio e o atender enquanto futuro impróprio.

Segundo Heidegger, o nexos entre o futuro e o presente impróprios revela-se a partir de uma “modificação ekstática do atender, de tal maneira que o atender *ressurge* da atualização. [...] A modificação ekstática do atender mediante a atualização que surge numa atualização que *ressurge* é a condição temporal e existencial da possibilidade de *dispersão*”<sup>27</sup>. Há, portanto, um nexos ontológico entre os modos impróprios do presente e do futuro, de modo que um se torna condição de possibilidade para o surgimento do outro e a relação de ambos é a condição de possibilidade da dispersão. Já os modos próprios do futuro e do presente, respectivamente antecipação e instante, são condição de possibilidade da situação em que se junta o que no modo impróprio das mesmas ekstases foi disperso. Em outras palavras, no presente e no futuro impróprios, nos quais o ser-aí se ocupa com o mundo circundante, o ser-aí se encontra disperso e, portanto, sem voltar-se para si mesmo. Já no futuro e no presente próprios o ser-aí se assume e atualiza a si mesmo em sua totalidade e finitude. “O instante traz a existência para a

<sup>25</sup> HEIDEGGER, *Os problemas fundamentais da fenomenologia*, p. 348.

<sup>26</sup> HEIDEGGER, *Ser e Tempo*, p. 338.

<sup>27</sup> HEIDEGGER, *Ser e Tempo*, p. 347.

situação, abrindo o ‘aí’ em sua propriedade”<sup>28</sup>. Ora, como o instante é condição existencial e temporal de possibilidade da propriedade do ser-aí? Como ekstase própria do presente, sabemos que o instante se funda no futuro próprio. Contudo, nesta afirmação de Heidegger, “abrindo o ‘aí’ em sua propriedade” não dá a entender que o instante exerce a função do futuro próprio, no qual, mediante a antecipação da possibilidade mais própria há uma radicalização do “aí” em sua propriedade? De fato. Há um nexos ontológico entre o futuro próprio e o presente próprio de modo que “[p]ertence à antecipação da decisão uma atualidade segundo a qual a decisão abre uma situação. Na decisão, não apenas se recupera a atualidade da dispersão nas ocupações imediatas como ela se mantém atrelada ao porvir e ao vigor de ter sido”<sup>29</sup>. Não seria o instante enquanto presente próprio, no qual se abre uma situação em que se pressupõe uma neutralidade onde nada pode ocorrer, um fenômeno que embora denominado como o presente próprio, independe da propriedade ou impropriedade do ser-aí? Tudo indica que sim. Pois, sendo a propriedade e a impropriedade relacionadas à assunção ou à fuga do originário, a neutralidade do instante pressupõe uma indiferença em relação à assunção ou fuga do originário, porque somente a neutralidade do instante possibilita a junção do originário e próprio. Isto é, nela “coincidem a temporalidade originária e a temporalidade autêntica”<sup>30</sup>. O nexos entre o presente impróprio e a decisão antecipadora torna-se tão estreito que passam a dar a ideia de que são condição para o instante, quando na verdade, o instante enquanto presente próprio passa a atualizar de maneira plena o ser-para-a-morte e a temporalidade ekstática e finita, a ponto de ao invés de se fundar na temporalidade ekstática e finita o instante a atualiza.

[...] A atualidade, que constitui o sentido existencial desse arrastar-se nas ocupações, jamais conquista por si mesma um outro horizonte ekstático, a não ser que, numa decisão, se recupere de sua perdição. Essa recuperação visa abrir cada situação para o instante que se sustenta e, ao mesmo tempo, abrir a “situação limite” originária do ser-para-a-morte<sup>31</sup>.

Daí Michel Haar afirmar que o instante assume um caráter tão importante quanto o futuro próprio, de modo que passa a ser uma ekstase que tem uma função primordial em relação à ekstase do futuro próprio, pois enquanto o futuro próprio torna

<sup>28</sup> HEIDEGGER, *Ser e Tempo*, p. 347.

<sup>29</sup> HEIDEGGER, *Ser e Tempo*, p. 338.

<sup>30</sup> HAAR, *Heidegger e a essência do homem*, p. 68.

<sup>31</sup> HEIDEGGER, *Ser e Tempo*, pp. 348-349.

possível a decisão antecipadora na qual o ser-aí assume seu ser-para-a-morte que o caracteriza como próprio e finito, o instante atualiza o ser-para-a-morte. E, segundo o texto acima, a recuperação da perdição por meio de uma decisão que “visa abrir cada situação para o instante que se sustenta” dá a entender que a decisão está em função do instante, o qual possui uma certa autonomia em relação à decisão. Isto faz com que o instante seja a ekstase em que a temporalidade originária e a temporalidade ekstática e finita se temporalizam simultaneamente e de modo mais pleno que no futuro próprio.

[...]. No instante, a temporalidade total encontra-se recolhida e resumida. O instante é o êxtase mais extático porque torna presente o próprio ser-resoluto. É o tempo mais breve no qual o ser-no-mundo se apercebe como “num relampejar” da sua situação, “tem o seu mundo sob o olhar”. O instante é o único e exclusivo ponto que Heidegger aproxima do *Kairos* de Aristóteles, no livro VI da *Ética a Nicômaco*, em que coincidem a temporalidade originária e a temporalidade autêntica. “O instante é um arquifenômeno que depende da temporalidade originária, enquanto o agora é apenas um fenômeno específico do tempo derivado”. O ser-resoluto, com efeito, não poderia, nós mostramo-lo, ser simultaneamente originário e autêntico; ele não é todo o êxtase do futuro. Pelo contrário, o instante é o ponto-fonte extático donde jorra toda a temporalidade, completa, indivisa, envolvida num átomo, invisível para a banalidade dos dias e como que eternamente recomeçada [...]. Se é verdade que o instante é a presentificação do ser-resoluto, será este capaz de presentificar à vontade os instantes? Heidegger não o diz, e isso parece pouco verossímil. Assim deparamos com uma espontaneidade do instante e da temporalidade originária. O instante surge sempre como uma novidade surpreendente. O véu rasga-se. A integralidade do tempo revela-se numa ínfima fracção de tempo, depois retira-se<sup>32</sup>.

O que nos interessa desse texto é a espontaneidade do instante e da temporalidade originária. Ambos relacionados ao que pretendemos elucidar nesse texto, a saber, como a prioridade do ekstase do futuro na temporalização da temporalidade ekstática e finita em *Ser e Tempo*, depara-se com o problema do tempo do mundo e este separa decisivamente o originário do próprio que tendem a fundir-se no instante, revelando assim que a unidade ekstática não pode derivar de um modo autêntico ou não, uma vez que ela é radicalmente originária. Isto é, a unidade ekstática torna possível o horizonte da temporalidade do ser-aí e do mundo, de sorte que a lida com o ente intramundano não depende apenas do ser-aí, mas essencialmente do esquema do presente (*Praesenz*) ao qual está subordinada toda atualização<sup>33</sup>. O tempo do mundo,

<sup>32</sup> HAAR, *Heidegger e a essência do homem*, pp. 68-69.

<sup>33</sup> Cf. HAAR, *Heidegger e a essência do homem*, pp. 69-70.

portanto, remete à pertinência da atualização e do instante enquanto presente próprio, o que fará com que a decisão antecipadora e o futuro próprio como ekstase que a torna possível, será relevante apenas na temporalização da temporalidade própria, enquanto que a temporalidade originária e o instante independem do ser-aí estar decidido ou não.

O problema que o tempo do mundo se torna para a primazia do futuro originário consiste em que o mundo, seja enquanto estrutura ontológica do ser-aí, seja como totalidade instrumental, é temporal e se temporaliza primordialmente através da ekstase do presente, reivindicando uma igualdade em relação ao futuro próprio, pois o instante enquanto presente próprio atualiza o ser-aí em sua totalidade, finitude e temporalidade. Ora, se o ser-aí enquanto existente é constituído de um futuro ainda mais originário do que o futuro próprio, deve-se elucidar a possibilidade de um presente ainda mais originário que o instante, assim como a possibilidade de que haja também um passado mais originário que o passado próprio. É o que Heidegger fará no texto sobre *Os Problemas fundamentais da Fenomenologia*, quando explicita o conceito de *presença (Praesenz)* como esquema horizontal<sup>34</sup> em direção ao qual se direciona a ekstase do presente sem, contudo, ser outra ekstase e, embora o *Praesens* seja determinado pela ekstase do presente, reclama uma originariedade que se não a precede é simultâneo a ela.

[...] pertence a toda e qualquer *ekstase* enquanto tal um horizonte determinado por ela que consuma pela primeira vez a sua própria estrutura. O *presentificar*, seja ele próprio no sentido do instante ou impróprio, *projeta aquilo que ele presentifica*, aquilo que possivelmente pode vir ao encontro em e para um presente, *para* algo assim como a *presença*. A *ekstase* do presente é enquanto tal a condição de possibilidade de um “para além de” determinado, da transcendência, ela é o projeto com vistas à presença. [...] Aquilo que reside para além da *ekstase* enquanto tal com base em seu caráter de deslocamento e que se encontra para além dela como por ela

<sup>34</sup> Em *Ser e Tempo* há a indicação do que será posteriormente o esquema do *Praesenz* quando Heidegger diz que o mundo “não é algo à mão e nem algo simplesmente dado. O mundo se temporaliza na temporalidade. Ele ‘é’ e está ‘pre’-sente com o fora de si das ekstases. Se não existir *ser-aí* algum, então também nenhum mundo se faz ‘pre’-sente” (HEIDEGGER, *Ser e Tempo*, p. 365). Nos *Problemas fundamentais da fenomenologia*, esse caráter do mundo como ‘pre’-sente com o fora de si das ekstases se manterá, no entanto, da mesma forma que a temporalidade originária, que se apresenta como neutra em relação à autenticidade ou não do ser-aí, o *Praesenz* também o será, o que fará com que surja a necessidade de elucidar a simultaneidade entre o ser-aí e o mundo, de modo que este, no ato do existir sempre se faz ‘pre’-sente. Segundo Michel Haar, o *Praesenz* como *esquema* quer dizer que ele é “um horizonte permanente do mundo, nem sensível, nem inteligível. Escapa assim ao dualismo do autêntico e do inautêntico. É originário, sem nunca ter sido autêntico. [...] O esquema é aquilo para o quê, em primeiro lugar, se adianta ou se extasia a temporalidade quando ela sai de si, para além de si. O *Praesenz* é então tão originário como o acto de presentificação. O que Heidegger denomina *Temporalität* não será a esquematização originária da *Zeitlichkeit*?” (HAAR, *Heidegger e a essência do homem*, pp. 70-71).

determinado, dito de maneira mais exata, aquilo que determina em geral o *para onde do “para além de”* enquanto tal, é a *presença enquanto horizonte*. O presente projeta-se em si mesmo ekstaticamente para a presença. A presença não é idêntica ao presente, mas, como *determinação fundamental do esquema horizontal dessa ekstase*, ele constitui concomitantemente a estrutura temporal plena do presente. Algo análogo é válido para as duas outras *ekstases*, futuro e ter sido (repetição, esquecimento, retenção)<sup>35</sup>.

A análise sobre a primazia do futuro próprio para a temporalização da temporalidade levantou a tese sobre um futuro mais originário que o futuro próprio, assim como um presente e um passado originários. A partir da pertinência do presente impróprio para a temporalização do tempo do mundo, assim como do instante para a atualização da temporalidade ekstática e originária, surgiu a necessidade de um esquema horizontal “correspondente” mais originário, no qual todas as ekstases se fundam [em direção ao qual se ekstasiam], a resposta é dada na retomada que Heidegger faz desta questão nos *Problemas Fundamentais da Fenomenologia* onde elabora o *Praesenz* como este esquema horizontal e neutro.

Deste modo, confirma-se a tese defendíamos no início deste trabalho, de que o desvelamento do tempo do mundo mediante o presente impróprio (atualização) e o futuro impróprio (ocupação) torna-se um problema para a compreensão e a primazia da sua ekstase, o futuro próprio. O futuro próprio enquanto ekstase da compreensão e que tem como característica a antecipação, pretende antecipar a totalidade e finitude do ser-aí mediante a decisão antecipadora. No entanto, com a neutralidade e autonomia do instante enquanto presente próprio, assim como a neutralidade e autonomia da temporalidade originária e finita em relação à decisão antecipadora, torna secundária a necessidade do futuro próprio e da decisão antecipadora para a temporalização da temporalidade, pois ela constitui o ser-aí de forma mais originária e independe da decisão antecipadora. Ou seja, o ser-aí cujo ser é o cuidado, fundamentado na temporalidade ekstática e finita, temporalizada primordialmente através do futuro próprio, vai paulatinamente cedendo lugar a uma espontaneidade da temporalidade originária, que é simultânea a um esquema horizontal e neutro, em direção ao qual se ekstasia o presente e as demais ekstases, que fundamentam o ser-aí e independem dele estar decidido. Podemos vislumbrar neste problema uma possível causa do inacabamento de *Ser e Tempo*, bem como a mudança de perspectiva em relação ao tratamento da questão da temporalidade, a qual leva Heidegger, após meados dos anos

<sup>35</sup> HEIDEGGER, *Os problemas fundamentais da fenomenologia*, p. 435.

30, a deixar de abordá-la como *transcendental-horizontal* passando a uma abordagem *aletheiológica-eksistencial*<sup>36</sup>.

## Bibliografia

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Parte I. Trad. Márcia de Sá Cavalcante. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. *Ser e Tempo*. Parte II. Trad. Márcia de Sá Cavalcante. 13 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

\_\_\_\_\_. *Ser e Tempo*. Edição em alemão e português. Tradução de Fausto Castilho. Campinas: Editora da Unicamp; Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

\_\_\_\_\_. *Os problemas fundamentais da fenomenologia*. Trad. Marco Antônio Casanova. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

\_\_\_\_\_. *Die Grundprobleme der Phänomenologie*. Vittorio Klostermann. Band. 24, Frankfurt am Main, 1975.

BLATTNER, Willian. *Heidegger's temporal idealism*. Cambridge: University Press, 2005.

DASTUR, Françoise. *Heidegger e a questão do tempo*. Tradução: João Paz. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

\_\_\_\_\_. The ekstático-horizontal constitution of temporality. In: MACANN, C. *Martin Heidegger: Critical assessments*. London and New York. Vol. I, pp. 170-182, 1992.

FIGAL, Günter. *Martin Heidegger: Fenomenologia da liberdade*. Trad. Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2005.

HAAR, Michel. *Heidegger e a essência do homem*. Trad. Ana Cristina Alves. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

\_\_\_\_\_. *La fracture de l'Historire: Douze essais sur Heidegger*. Editions Jérôme Millon, 1994.

HOY, David Couzens. Heidegger e a viragem hermenêutica. In: GUIGNON, C. *Poliedro Heidegger*. Tradução: João Carlos da Silva. Lisboa: Instituto Piaget, 1993, pp. 187-211.

STEIN, Ernildo. *Compreensão e finitude: estrutura e movimento da interrogação heideggeriana*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2001.

<sup>36</sup> Cf. DASTUR, *Heidegger e a questão do tempo*, p. 126.